

As elites perplexas

Luiz Adolfo Pinheiro

A medida que aumenta a temperatura do caldeirão social, por conta da desigualdade de renda, da falta de oportunidades para todos — e, estimulada por lideranças sindicais e políticas interessadas no confronto e na queda do Governo e do regime — também fica bem claro que a perplexidade tomou conta das elites nacionais.

As nossas elites nunca foram permeáveis à divisão da renda porque elas nasceram e prosperaram no regime escravocrata. A divisão social era radical: casa grande de um lado, senzala do outro. No meio, o clero e a burocracia. Por isso mesmo, elas sempre foram extremamente egoístas e, ao mesmo tempo, ciosas de seu poder e de seus privilégios. A idéia de “dividir” com alguém, ainda mais com a massa dos ex-escravos e alforriados, que formam a espinha dorsal da sociedade brasileira, certamente nunca foi levada a sério.

O exercício desse egoísmo fez com que as elites brasileiras — ao contrário do que dizem seus críticos — fossem muito competentes, no aspeto da sobrevivência. A industrialização chegou a abalar os alicerces dessas classes, mas elas revelaram boa capacidade de adaptação. E ganharam aliados importantes, que são os “barões” da indústria, que se sucederam aos do café, das minas, do cacau, do açúcar.

A crise do Brasil é unicamente de crescimento. O País **tem** de crescer, precisa crescer, elevar a renda do povo, am-

pliar os espaços econômicos, ocupar os vazios. E as elites não estão dispostas a colaborar com esse crescimento porque o temem. Já dizia Carlos Lacerda que não há nada mais subversivo do que o desenvolvimento.

As elites brasileiras estão assustadas, sentem o chão ceder. Elas enxergam ameaças de todos os lados. À direita, um presidente da República que, embora oriundo da casta superior, fecha com os descamisados. À esquerda, Lula, o PT, a CUT, ao centro, um inferno zodiacal que reúne de tudo, até o ex-diabo Leonel Brizola, que passou de Saulo a Paulo de Tarso numa velocíssima conversão.

A única saída para as elites é mudar, é ceder. É dar aos anéis para conservar os dedos. Se as elites mudaram seu comportamento na Índia emancipada, no Japão do pós-guerra e em toda a Europa Oriental por que só as do Brasil são imutáveis e impermeáveis à mudanças? Não é tranquilizador dormir em mansões com a multidão de bóias-frias e de desempregados à porta, clamando por justiça.

O chamado “entendimento nacional” deveria ser a via natural de negociação de leis democráticas que comesçassem as reformas pelo caminho mais seguro e compensador, trilhado pelo Japão e pelos **tigres** asiáticos: a participação dos trabalhadores na gestão e nos lucros das empresas. Esse é o primeiro passo. Todos os demais serão apenas uma decorrência quase normal.